

Sessão Coordenada 40 - **HABILIDADES SOCIAIS E SAÚDE EM DIFERENTES CONTEXTOS: INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA, UNIVERSITÁRIOS E PROFISSIONAIS**

HABILIDADES SOCIAIS E BURNOUT EM RESIDENTES MÉDICOS: MEDIDAS DE AUTORRELATO. *Karina Pereira Lima** (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP); Sonia Regina Loureiro (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP),*

A residência médica se constitui em um período de treinamento em serviço no qual os profissionais em formação enfrentam uma série de situações estressantes, tais como longas jornadas de trabalho, privação de sono, comunicação de notícias difíceis, alta responsabilidade sobre a vida de outras pessoas, entre outras, as quais contribuem para uma maior vulnerabilidade psicológica desses profissionais. Entre os problemas aos quais os residentes médicos são vulneráveis, incluem-se as altas taxas da síndrome de burnout, as quais estão associadas a prejuízos tanto para o médico quanto para a clientela atendida. Entretanto, poucos estudos tem abordado as condições que podem operar como proteção para o desenvolvimento de burnout em médicos residentes, o que se configura numa lacuna da literatura. Nesse contexto, se insere o presente estudo que teve por objetivo comparar e verificar as possíveis associações entre as manifestações de burnout e as habilidades sociais, enquanto condições de proteção, apresentadas por residentes médicos, de diferentes áreas de atuação. Avaliou-se uma amostra de conveniência de 305 residentes médicos do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP, de ambos os sexos, de diferentes anos e de especialidades diversas, de áreas clínicas e cirúrgicas. Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, procedeu-se a avaliação por meio dos seguintes instrumentos de autorrelato: Inventário da Síndrome de Burnout (ISB), Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e um Questionário Complementar, abordando variáveis sociodemográficas, de formação acadêmica e relativas às condições organizacionais dos programas de residência cursados. Os instrumentos foram codificados conforme as normas técnicas e foram aplicados procedimentos estatísticos visando verificar as correlações entre as variáveis e as comparações entre grupos, adotando-se o nível de significância de $p < 0,05$. Foram detectadas elevadas taxas de prevalência da síndrome de burnout (58,4%), tendo sido identificada diferença com significância estatística entre as áreas apenas para a dimensão despersonalização, a qual foi maior em residentes de Cirurgia Geral e subespecialidades cirúrgicas. Verificou-se com relação às habilidades sociais que na totalidade da amostra, os residentes apresentaram percentis dentro ou acima da média em relação ao seu grupo de referência por sexo, caracterizando um repertório satisfatório. Na análise comparativa foram identificadas diferenças significativas entre os grupos em relação ao escore total e aos fatores enfrentamento e autoafirmação com risco, conversação e desenvoltura social e auto exposição a desconhecidos e a situações novas. Verificaram-se associações significativas e negativas entre a síndrome de burnout e o repertório de habilidades sociais, bem como médias mais elevadas de habilidades sociais em residentes sem indicadores da síndrome. Os resultados do estudo confirmaram a hipótese de que no exercício profissional dos médicos residentes a presença de manifestações de burnout podem ser associadas negativamente à presença de habilidades sociais. Considerando que a atuação profissional do médico envolve além de formação técnica, atividades desempenhadas quase que totalmente na relação com o outro, os dados do presente estudo colocam em foco a relevância de um maior investimento no desenvolvimento de habilidades interpessoais que favoreçam o exercício da profissão na formação médica. Apoio: FAPESP; CNPq.

Habilidades sociais, burnout, residência médica



FAPESP; CNPq
Mestrado - M
SMENTAL - Saúde Mental

ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM UNIVERSITÁRIOS: O PAPEL DAS VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS, DAS CARACTERÍSTICAS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E DAS HABILIDADES SOCIAIS. *Alessandra Turini Bolsoni-Silva***
(Faculdade de Ciências – Universidade Estadual Paulista, UNESP, SP); *Sonia Regina Loureiro*
(Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo)

Sabe-se que os transtornos de ansiedade e de depressão são os que apresentam maior prevalência na população geral favorecendo dificuldades interpessoais, e no caso dos jovens, influenciando a vida acadêmica e profissional. Ainda que a ansiedade e a depressão tenham grande comorbidade, em torno de 50%, a ansiedade costuma preceder a depressão, o que pode ser notado desde a primeira infância, podendo ser agravado ao longo da vida. Assim, faz-se necessário mapear quais variáveis são preditoras de ambos os transtornos, identificando quais são específicas para cada um deles, de forma a subsidiar avaliações e intervenções psicológicas, que podem ser gerais ou específicas, dependendo das necessidades identificadas. Os momentos de transição do desenvolvimento, em função de exigirem novas adaptações, favorecem o início ou o agravamento dos transtornos de ansiedade e/ou depressivo. Nesse sentido, o ingresso na universidade se caracteriza como um desses momentos de transição que exige muitas tarefas diferentes, para as quais nem sempre o estudante tem repertório. Dentre essas tarefas incluem-se o morar com desconhecidos em república, ficar distante de família, amigos e namorado, lidar com autoridade e falar em público, que envolvem as habilidades sociais. Verifica-se na literatura divergências quanto ao peso atribuído às variáveis sociodemográficas, características dos cursos e ao repertório de habilidades sociais e a presença dos transtornos de ansiedade e depressão. Objetivou-se: (a) identificar as taxas de prevalência de transtornos mentais relativos à depressão e ansiedade social para estudantes universitários; b) verificar o valor preditivo de habilidades sociais, das variáveis sociodemográficas e de características de cursos para depressão e ansiedade. Participaram 1282 universitários brasileiros, de uma universidade pública, de ambos os sexos e de diferentes anos e cursos. Procedeu-se a aplicação de instrumentos de rastreamento para depressão (BAI) e ansiedade (Mini-Spin), de habilidades sociais (IHS-Del Prette, QHC-Universitários) e de um questionário com indicadores sociodemográficos e de características dos cursos (QHC-Universitários). Os dados foram tratados de forma univariada e análises de regressão binária múltipla definiram o peso de tais medidas para depressão e ansiedade. A prevalência de ansiedade e depressão foi respectivamente, de 19,4 e 3,8%. O repertório de habilidades sociais e as condições de moradia foram preditoras de depressão, enquanto que as habilidades sociais e área de curso (com maior prevalência para exatas e humanas) permaneceram no modelo final de predição para ansiedade. Verificou-se que repertórios de habilidades sociais peculiares diferenciaram os grupos com características clínicas para ansiedade e depressão. Destacam-se como contribuições do estudo: a identificação separadamente da prevalência de ansiedade e depressão; a avaliação simultânea de diferentes classes de habilidades sociais, de variáveis sociodemográficas e de características dos cursos, ampliando o conhecimento sobre a saúde mental de estudantes, o que pode ser norteador para a proposição de programas de prevenção e de intervenção junto a universitários.

Apoio: FAPESP; CNPq

Habilidades sociais, universidade, saúde mental

FAPESP; CNPq

Pós-Doutorado - PD

DES - Psicologia do Desenvolvimento

ASSOCIAÇÕES ENTRE HABILIDADES SOCIAIS, SAÚDE MENTAL E O DESEMPENHO ACADÊMICO DE UNIVERSITÁRIOS. Alessandra Salina Brandão**
(Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP); Alessandra Turini Bolsoni Silva (Faculdade de Ciências- Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP); Sonia Regina Loureiro (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP),

O ingresso na universidade impõe desafios ao estudante, como morar fora da casa dos pais, conviver com novos colegas e aprender diferentes estratégias de estudo, o que têm impacto reconhecido para o desempenho acadêmico. Analisando-se a literatura da área observa-se uma tendência em indicar uma relação positiva entre bom desempenho acadêmico e saúde mental dos universitários, contudo, há pouco consenso quanto à relação entre bom repertório de habilidades sociais e bom desempenho acadêmico. Nesse contexto se insere o presente estudo. Objetiva-se verificar as associações entre as habilidades sociais, a saúde mental e o desempenho acadêmico de estudantes universitários de diversos cursos e áreas. Participaram do estudo 305 estudantes universitários da UNESP–Bauru, de ambos os gêneros, sendo 53 da área de biológicas, 132 da área de exatas e 120 da área de humanas, os quais foram avaliados quando cursavam até um semestre antes da metade do tempo previsto de conclusão do curso. Procedeu-se a avaliação coletiva, em sala de aula, por meio dos instrumentos: Inventário de Habilidades Sociais (IHS - Del Prette), Questionário de Avaliação de Habilidades Sociais, Comportamentos e Contextos para Universitários (QHC - Universitários); Versão reduzida do Inventário de Fobia Social (Mini SPIN) e Inventário de Depressão de Beck (BDI). Para a avaliação do desempenho acadêmico procedeu-se a um levantamento sistemático junto ao sistema eletrônico da secretaria da universidade, verificando-se a média das notas obtidas pelos estudantes no mesmo período da avaliação das demais medidas. Os instrumentos foram codificados conforme as normas específicas e a amostra foi dividida de acordo com a classificação do desempenho acadêmico categorizado segundo as notas dos participantes, em na média, abaixo e acima da média, para cada curso em particular, a partir do cálculo das médias e desvio padrão das notas de todos os alunos inscritos em todas as disciplinas. Procedeu-se a análise dos dados por meio do teste de correlação de Pearson ($p < 0,05$). Verificou-se para toda a amostra que, quanto maior foi à pontuação do QHC-Dificuldades maior foi à pontuação no BDI, indicando que quanto maior o nível de dificuldades em habilidades sociais maior o nível de depressão. Apenas entre os participantes com desempenho acadêmico na média verificou-se correlação entre os indicadores do BDI e Mini-Spin, indicando que quanto maior a pontuação no instrumento de depressão maior também a pontuação no instrumento de fobia social. Em relação aos participantes com desempenho acadêmico na média e acima da média, quanto maior foi à pontuação no IHS Total menor foi à pontuação no BDI, sugerindo que quanto mais habilidoso socialmente o estudante for, menor será a possibilidade de apresentar indicadores de depressão e maiores às chances de apresentar desempenho acadêmico na média ou acima da média. Os dados confirmaram a associação negativa das habilidades sociais e saúde mental e a associação positiva com o desempenho acadêmico. Considera-se que a identificação de fatores que contribuem para o bom desempenho acadêmico do universitários favorece o investimento em novas políticas educacionais nos ambientes acadêmicos. Apoio: CAPES; CNPq

Habilidades sociais, saúde mental, desempenho acadêmico de universitários

CAPES; CNPq

Doutorado - D

SMENTAL - Saúde Mental

PROGRAMA DE TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA UNIVERSITÁRIOS EM SITUAÇÕES CONSIDERADAS DIFÍCEIS NO CONTEXTO ACADÊMICO. *Claudio de Almeida Lima** (Universidade Salgado de Oliveira –UNIVERSO, Niterói, RJ); Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Niterói, RJ),*

A universidade, apresenta-se hoje como objetivo de vida para muitos jovens. Ao ingressar, porém muitos apresentam dificuldades em seu processo de adaptação no que se refere ao estabelecimento de novas relações de amizade, de novos métodos de estudo, na administração do tempo em relação aos estudos, nos novos métodos avaliativos, no desenvolvimento da autonomia. Todas essas dificuldades podem causar desconforto, problemas de ajustamento, transtornos psicossociais e até mesmo o abandono da instituição. O objetivo deste trabalho foi o de realizar um Programa de Treinamento de Habilidades Sociais - PTHS para universitários nas situações consideradas difíceis no contexto acadêmico afim de desenvolver habilidades sociais e possibilitar melhor desempenho social para os estudantes. Participaram deste estudo 11 universitários de instituições públicas e privadas de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro que cursavam o primeiro ou segundo período da graduação e tinham idade entre 18 e 25 anos (com média de 21,27 e DP de 1,9). O PTHS constou de 12 sessões realizadas semanalmente com duração de 120 minutos cada. Os recursos utilizados para a realização do PTHS foram a cartilha “Guia teórico-prático para superar dificuldades interpessoais na Universidade”, gravador digital para as sessões, câmera filmadora e Datashow. Entre os temas desenvolvidos encontra-se falar em público, lidar com autoridade, lidar com críticas, fazer elogios, etc. Foram utilizados como instrumentos para medir o efeito do PTHS o Inventário de Habilidades Sociais, o Questionário de Vivências Acadêmicas na sua versão reduzida e o Inventário de Comportamentos Sociais Acadêmicos que foram aplicados antes e depois do treinamento. Os relatos das sessões apontam para ganhos na compreensão acerca da importância das HS como promotora de ajustamento a universidade e para outras realidades da vida. A utilização do Método JT apontou os ganhos obtidos pelos participantes em alguns fatores do IHS, do QVA_r e do ICSA. A compreensão acerca das demandas trazidas pelos universitários ao transitar do Ensino Médio para a Universidade é possível de ser verificada em pesquisas anteriormente realizadas que identificaram as dificuldades presentes nos estudantes em seu processo de adaptação e quais são as situações mais difíceis. Deste modo desenvolver programas de Treinamento de Habilidades Sociais com foco nas situações já encontradas como difíceis no contexto acadêmico podem favorecer uma vivência mais tranquila nessa transição. Os resultados encontrados de modo positivo nas mudanças para melhor em fatores do IHS, do QVA_r e do ICSA, reforçam a importância das universidades disporem de meios que auxiliem os seus alunos em suas múltiplas necessidades, quer as do campo acadêmico, quer no campo das relações interpessoais.

Habilidades sociais, treinamento de habilidades sociais, universitários, ensino superior, adaptação acadêmica.

Mestrado - M

SOCIAL - Psicologia Social

O ESTRESSE DE CRIANÇAS E VARIÁVEIS DE AJUSTAMENTO NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Erica Taciana dos Santos Crepaldi** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, SP); Marta Regina Gonçalves Correia Zanini (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo)*

O ingresso no Ensino Fundamental - EF tem sido visto como um momento de transição no ciclo de vida devido à diversidade de novas demandas que são impostas à criança. Dentre elas sobressaem-se: lidar com um novo ambiente, conquistar aceitação dos pares, relacionar-se com adultos ainda desconhecidos e atender às exigências do seu papel de estudante. Dentro deste contexto, parece haver um aumento da vulnerabilidade das crianças ao estresse, principalmente daquelas que enfrentam maior dificuldade no ajustamento escolar. Diante dessa problemática, este estudo objetivou comparar crianças avaliadas com sintomas de estresse e sem sintomas de estresse em relação às habilidades sociais, problemas de comportamento, competência e desempenho acadêmicos, potencial cognitivo e percepção de estressores escolares, no 1º ano do EF. Participaram da pesquisa 157 alunos do 1º ano do EF, sendo 85 meninos e 72 meninas, com idade média de 6 anos e 10 meses no início da pesquisa. Todos tinham experiência prévia de dois anos na Educação Infantil e estavam matriculados em escolas municipais de diferentes regiões de uma cidade do interior de São Paulo que oferecem o Ensino Fundamental de nove anos. Também participaram do estudo seus respectivos professores do 1º ano do EF, num total de 25. As crianças foram avaliadas quanto à presença de sintomas de estresse (Escala de Stress Infantil), percepção de estressores escolares (Inventário de Estressores Escolares), potencial cognitivo (Matrizes Progressivas Coloridas de Raven) e desempenho acadêmico (Provinha Brasil). Os professores avaliaram as habilidades sociais, os problemas de comportamento externalizantes e internalizantes e a competência acadêmica dos seus alunos por meio do Social Skills Rating System – Professores. De acordo com a presença de sintomas de estresse avaliada a partir da Escala de Stress Infantil, foram constituídos dois grupos, resultando em 90 crianças no grupo com estresse (57%) e 67 no grupo sem estresse. Os grupos foram comparados em relação às demais variáveis por meio do teste t de Student, adotando-se o nível de significância de $p < 0,05$. Com exceção da habilidade social de asserção positiva, os resultados indicaram diferença significativa entre os grupos em todas as demais variáveis analisadas. As crianças do grupo com estresse perceberam suas escolas como mais estressantes tanto em relação ao seu papel de estudante como nas relações interpessoais. Elas também apresentaram menores pontuações nas habilidades sociais de autocontrole, responsabilidade e cooperação, autodefesa, cooperação com pares, e índices maiores de problemas de comportamento externalizantes e internalizantes. Além disso, crianças estressadas foram avaliadas como menos competentes academicamente e apresentaram desempenho acadêmico e potencial cognitivo inferiores. Dada a elevada taxa de sintomas de estresse na amostra, os achados sinalizam uma demanda por trabalhos de intervenção voltados à prevenção de problemas associados ao estresse em escolares. Ao identificar condições associadas à presença de estresse, eles também oferecem subsídios para tais práticas, com ênfase na promoção de habilidades sociais. Entretanto, investigações são necessárias para esclarecer os processos implicados nessas associações, testando seja a predição do estresse a partir de indicadores psicossociais ou vice-versa, ainda que conceitualmente a primeira possibilidade pareça a mais plausível. Apoio: CAPES; CNPq

Estresse infantil, transição escolar, habilidades sociais

CAPES; CNPq

Mestrado - M

DES - Psicologia do Desenvolvimento



HABILIDADES SOCIAIS E VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS: FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO À INDICAÇÃO DE DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA. *Josiane Rosa Campos** (Pós Graduação em Psicologia-Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos, SP); Almir Del Prette (Pós Graduação em Psicologia-Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos, SP)*

Habilidades sociais e algumas variáveis sociodemográficas têm sido apontadas como fatores de risco/proteção que podem ser preditivas da depressão em adolescentes. No entanto, ainda não se tem claro quais classes de habilidades e quais variáveis sociodemog

Habilidades sociais, depressão, adolescentes

CAPESDoutorado - D

DES - Psicologia do Desenvolvimento